

XII

Neves e eu permutávamos conjecturas, quando alguém nos abraçou, de afetuosa maneira.

Era o irmão Félix, a despedir-se.

Espírito admirável pela abnegação e pela ciência, reverenciado por todos os seareiros do bem, onde passasse, em se referindo aos protagonistas do drama familiar que se nos oferecia à atenção, apresentava os olhos marejados de pranto.

Via-se-lhe, não somente a piedade fraterna, mas também o imenso amor àquelas quatro almas, reunidas ali, naquele aprazível recanto do Rio.

Parados, agora, respirando as aragens que encrespavam docemente as águas da Guanabara, enquanto o céu da madrugada imprimia mais amplo realce às estrelas, enternecia-nos reconhecer-lhe o paternal carinho, qual se fora um homem comum, descansando conosco, à frente do mar.

Tão grande e tão puro o devotamento de que dava mostras, ao descerrar-nos os tesouros do coração, através das palavras, que o próprio Neves, irrequieto às vezes, ao escutar-lhe as apreciações, cumpria espontaneamente o que prometera. Nenhuma observação impulsiva, nenhuma interjeição impensada.

A atitude do instrutor, ao deter-se nas lutas escabrosas do plano físico, educava cativando. Elevação em cada frase, luz do sentimento em cada ideia.

Conquistava, sem pedir, o nosso interesse na prestação de assistência voluntária ao lar de Cláu-

dio, cuja estabilidade periclitava, na conceituação dele mesmo.

Compadecia-se — elucidava, prestimoso — daquelas quatro criaturas, atiradas ao oceano da experiência terrestre, sem a bússola da fé. A princípio, esforçara-se por abrir-lhes um caminho espiritual; mas debalde. Afundavam-se em profunda névoa de ilusão, hipnotizados pelas gratificações transitórias dos sentidos carnaís, ao jeito de passarinhos agarrados à casca apodrecida de um fruto, sem a mínima disposição de consultar a saborosa riqueza da polpa.

Descobrimo algo mais à própria intimidade, relatou-nos que vira Cláudio renascer, que acompanhara Dona Márcia no berço, que seguira, de perto, a reencarnação de Marina e Marita, deixando ver nas reticências as lágrimas que semelhantes realizações lhe haviam custado, sem alardear virtude ou superioridade, em torno dos empenhos vencidos.

Hipotecara dedicação, amizade, confiança e tempo, a fim de entrosá-los em alguma obra de benemerência, de maneira a cultivar-lhes a espiritualidade latente; no entanto, Cláudio e Márcia, de novo no estágio físico, sob o esquecimento inevitável e providencial do pretérito, haviam recapitulado certas experiências infelizes...

No mundo espiritual, antes de recomeçarem o trabalho terrestre, analisando as necessidades e os remorsos que lhes atenazavam as consciências, haviam prometido empregar o prêmio da internação no veículo carnal, edificando a sublimação íntima e corrigindo excessos de outras épocas, através do suor no serviço ao próximo; contudo, imperfeitamente chegados à juventude das forças corpóreas, tinham abraçado paixões que lhes frustravam todas as possibilidades de libertação próxima. Ele, Félix, e outros companheiros empenhavam-se em auxiliá-los, mas infrutiferamente. Os quatro resistiam a toda espécie de sugestão reparadora; repeliavam, de pronto, qualquer projeto construtivo.

Nobres amigos de outras eras, aplicados a entender-lhes apoios preciosos, acabaram desiludidos, largando-os ao próprio arbítrio.

Cláudio e Márcia, principalmente, ao elegerem o dinheiro e o sexo desgovernados por chaves dos próprios dias, nada mais estavam conseguindo que desajustar os fundamentos da tranquilidade doméstica. Em razão disso, Marina e Marita não obtinham alicerces para a felicidade real. Jovens ainda, complicavam-se as duas em perigos e tentações, de que muito dificilmente se desvencilhariam, sem dolorosas marcas na alma.

Tamanha se evidenciara a rebeldia de Cláudio que, naquela hora significativa e ameaçadora da existência, não contava, além da Providência Divina, senão com raros amigos. Ainda assim, esses amigos — acrescentava modesto, certamente ponderando quanto às dificuldades dele mesmo — não se viam com direito a solicitar socorros especiais e, absorvidos por responsabilidades numerosas, achavam-se na contingência de apenas dispensar-lhes auxílios esporádicos, incertos.

Compreendemos onde o benfeitor categorizado e humilde se propunha chegar e adiantámo-nos, prometendo nossa adesão decidida ao programa assistencial que ele delineasse.

Dispúnhamos de oportunidade, não nos seria difícil.

Além do tempo que me era lícito despendar, atento à concessão dos meus superiores para colaborar em apoio de Neves, possuía um requerimento em trânsito, junto das autoridades competentes, para que me fôsse concedido um estágio de dois anos, em alguma das organizações destinadas, em Nosso Lar (4), aos serviços de psicologia sexual, com finalidades reeducativas, e ciente de que ele,

(4) Cidade consagrada à educação e ao reajustamento da alma, no Plano Espiritual. — (Nota do Autor espiritual.)

irmão Félix, responsabilizava-se pela direção de um dos melhores institutos desse gênero, pedia-lhe, por minha vez, me endossasse a petição.

Sentir-me-ia feliz com o ensejo de estudar e trabalhar, assimilando-lhe a experiência e recebendo-lhe o patrocínio.

O instrutor reafirmou a sua simplicidade, declarando que a obra pela qual respondia talvez não pudesse satisfazer-nos a expectativa, mas obrigava-se — acentuava Félix, sem alarde — a favorecer-nos os estudos que intentaríamos.

Notando-me o entusiasmo, Neves não vacilou compartilhar-me os propósitos.

Faria requisição idêntica.

Nosso interlocutor, comovido, esclareceu que isso vinha reconfortá-lo, sobremaneira, porque, atendendo a ditames de afetividade e reconhecimento, alcançara permissão para recolher Beatriz, em sua própria residência, tão logo a esposa de Nemésio pudesse retirar-se da esfera física, depois da desencarnação.

Hospedá-la, junto de Neves, o genitor que a filha jamais apartara da lembrança, ser-lhe-ia contentamento enorme.

Ambos desfrutariam abençoada convivência, regozijar-se-iam unidos, recordando o passado e articulando novos planos de trabalho e alegria.

Enquanto o devotado coração paterno se desmanchava em agradecimentos, Félix se despediu, afetuosamente.

Demandando algum refazimento, esboçávamos projetos, ideando medidas de ação.

Manifestava-se Neves tocado de energias e esperanças novas. Aguardaria a filha, sim, confiante no futuro. Almejava o reequilíbrio total, ansiava reeducar-se, a fim de lhe ser mais útil. Empregaria todos os recursos, de modo a ampará-la, fortalecê-la.

Eufóricos, deliberámos concentrar, a partir do dia que se anunciava, todas as nossas atividades

de vigilância ao lado de Dona Beatriz, prestes a se desobrigar das células doentes, e, certificando-nos de que a moradia dos Nogueiras reclamava plan-tão, urgia revezar-nos em serviço.

O amigo, contudo, ponderou com razão que a filha se abeirava do transe final, que receava não dispor da serenidade precisa, caso fôsse defrontado, sôzinho, por obstáculos constrangedores. Era humano, adorava aquela filha padecente. Queria afa-gá-la, alentá-la, conquanto não se presumisse com merecimento bastante para estender-lhe apoio e consolação.

Não seria recomendável se mantivesse, em caráter permanente, no lar dos Torres, ao passo que me reservaria o compromisso de cooperar na pacificação dos Nogueiras.

Isso apenas por alguns dias, enquanto a liberação de Beatriz estivesse pendente.

Tanto quanto possível, por outro lado, poderia, de minha parte, tornar para junto dele, partilhando-lhe o clima da filhinha agonizante, onde nos acomodariamos aos imperativos de nossa edificação moral, estudando e servindo, para mais amplo rendimento das horas.

Aquiesci, contente, àquelas nótulas sensatas.

Foi assim que, refeito, regresssei, manhã alta, ao apartamento de Cláudio, no intuito de investigar, a sós, a paisagem que me pautaria o quadro fundamental de aplicação ao dever assumido. Cabiame conhecer as minudências, suscetíveis de adquirir maior importância, de momento para outro, esquadriñar pontos de apoio, tomar contactos, e, se possível, ouvir pessoalmente os dois irmãos desencarnados, que ali desempenhavam lamentável papel.

Entrei. Apenas Dona Márcia, conversando com a senhora que se incumbia das mais pesadas obrigações no recinto doméstico, a comentarem os tópicos engraçados de certo programa de televisão, que a família acabava de instalar, com espírito de novidade e alegria.

Tudo calmo, os vampirizadores ausentes. Limpeza e ordem.

Em dado instante, a figura de Marita invadiu-me o cérebro. Afeiçoara-me à pobre menina. Era uma filha espiritual que me tocava resguardar sollicitamente.

Desassossegado, precipitei-me para a rua e, a breve trecho, vi-a na loja colorida e simpática, ensaiando sorrisos para as freguesas bem-postas.

Abracei-a, paternalmente, expressando-lhe em silêncio votos de paz e otimismo. Ela respondeu, de modo instintivo, acalentando vagas ideias de equilíbrio e esperança.

Registava-se-lhe a melhora inequívoca.

O amparo magnético assimilado funcionara, eficiente. Ignorando por que motivo, acusava-se tranqüila, mais forte. Repousara, reconstituíra-se. Retomara o gosto pelo trabalho, palestrava animadamente, selecionando algodões estampados.

Nossa presença passou a despertar-lhe reflexões. Não obstante opinasse nisso ou naquilo, entre as clientes amigas, começou a pensar, pensar...

Depois de alguns minutos, pressionada pelas lembranças, caminhou para o telefone e chamou Dona Márcia, perguntando se ela viria, na parte da tarde, a Copacabana, e, informada afirmativamente, rogou à mãezinha adotiva a procurasse, se possível, às quatro. Lanchariam juntas, tinha algo a dizer-lhe.

Concluí que significaria abuso incomodá-la no trabalho, em que se obrigava a retalhar atenções, através dos pensamentos descontínuos, e aguardá-mos a ocasião adequada, a fim de inteirar-nos acerca de atividades ou problemas em que nos fôsse possível desenvolver algum préstimo.

No horário previsto, acompanhámos mãe e filha até pequenino recanto de hospitaleira sorveteria, considerando a gravidade da tarefa de que fôramos investidos.

Postadas ambas em clima de segredo, Marita

desnifogou-se com dificuldade, começando a falar, discreta e humilde.

Que Dona Márcia lhe perdoasse os aborrecimentos daquela hora; entretanto, não tinha culpa. Não desconhecia a extensão da mágoa que lhe cortaria a alma, daria tudo para não feri-la, mas sentiria remorsos se não lhe contasse o sucedido. Hesitara muito, antes de resolver situá-la no assunto, adiantou, acanhada. Sentia-se, porém, sua filha pelo coração, devia confiar-lhe tudo.

E, na ingenuidade de moça inexperiente, relatou a confissão que Cláudio lhe fizera, a descrever-lhe os modos, lance por lance. Espantara-se, sofrera muitíssimo. Jamais esperava por semelhante ocorrência. Tivesse parentes e não vacilaria mudar-se para evitar escândalos. Era, contudo, dependente, sôzinha. A única família que possuía eram eles mesmos, os Nogueiras, cujo nome usava, orgulhosa, desde a infância. Andava desorientada, recosa. Pedia conselhos.

A interlocutora, todavia, escutara sorrindo, nem mesmo interrompendo, de leve, a deglutição da taça de creme, que saborcava, com requintes de paladar.

Tamanha impassibilidade esfriou a disposição da jovem, que passou a resumir, quanto pôde, as confidências e alegações que se inclinava a expender; e, com indizível surpresa, não sòmente para Marita que lhe aguardava, ansiosa, a palavra, mas igualmente para nós, que não contávamos com o ardiloso expediente de Cláudio, defendendo-se previamente, Dona Márcia patenteou, no semblante sereno, absoluta incredulidade e participou que o marido, na véspera, a convidara para conversação, à parte, comunicando-lhe certas apreensões. Disse-lhe que, à noite, no entendimento mantido, não tivera coragem de mencionar o assombro que o perseguia, porquanto julgara prudente refletir sobre o acontecimento que tanto o penalizava, antes de avançar em qualquer conclusão. Entretanto, após

meditar, aturadamente, deduzira que ela, Marita, necessitava da proteção de um psiquiatra.

Dona Márcia perfilhou um tom de voz em que se conjugavam inquietação e advertência, e continuou informando, informando...

Dissera-lhe Cláudio haver experimentado imenso alívio, ao vê-la penetrando no quarto, na noite da antevéspera, porquanto, momentos antes, ao despertar a filha adotiva sonambulizada, fora assaltado por ela com muitos beijos, que lhe ouvira frases inconvenientes, que se forcara à reação, pelo que a esposa percebera as vozes com as quais tanto se assustara. Anunciara-lhe ter refletido suficientemente e acabara aceitando a hipótese de um desequilíbrio. Rogara-lhe concurso para que um psiquiatra interferisse no problema. Assumiria ele a responsabilidade das despesas e, preocupado qual se achava, faria mais ainda... Envidaria esforços para que uma excursão à Argentina lhe restaurasse as energias, evidentemente alteradas.

Diante da estupefação que nos dominava, a senhora Nogueira tomou posição conselheiral.

Recomendou à menina procurasse esquecer, distrair-se. Explicou que não viera ao encontro, no intuito de abordar o caso. Ante as alegações da filha, entretanto, não encontrava outra saída, além daquela em que lhe abria o coração. Esposa e mãe, defenderia a paz de todos. Não concordava em que se tomasse partido. Cláudio, efetivamente, contrairia contas com ela, Dona Márcia, nas ingratidões de marido. Isso sim. Mas, no tocante às filhas, sempre tivera a conduta de pai exemplar. Nada justo incriminá-lo. Tudo não passava de imaginação enfermiza dela própria, Marita. Fase de moça namorada.

E o martelo verbal tornou aos estribilhos do passado. As festas de Aracélia, as companhias de Aracélia, as decepções de Aracélia...

Verificando no olhar da jovem a penosa impressão com que era obrigada a recolher tais lem-

brancas, a interlocutora, sem mais fundo lastro de amor para comovê-la, modificou a tática afetiva e alinhou histórias de seu conhecimento, em que sonâmbulos realizavam proezas diversas.

Argumentou que ela e Cláudio, perante a ocorrência, que analisavam com o carinho de pais verdadeiros e não com qualquer espírito de censura, haviam recordado que ela, em criança, muitas vezes acordava aos gritos, pela madrugada, fazendo birra e queixando-se de inexplicáveis terrores. Levada ao médico, o facultativo receitara calmantes. Rememorou, bem-humorada, a opinião de velho amigo da família, que dissera a ela e a Cláudio andar a menina atacada de nictofobia, e que, somente depois, ambos recorreram ao dicionário, a fim de aprenderem que a palavra significava «medo da noite».

Dona Márcia riu-se àquelas chistosas evocações, completamente alheia à importância do assunto. Afagou os ombros de Marita e aconselhou-lhe juízo.

A jovem, perplexa, tanto quanto nós mesmos, não teve ânimo para desmentir. Ignorava como deslindar a meada que o sedutor entretecera. Preferiu acriançar-se, aparentando aprovação com o silêncio.

No íntimo, contudo, revoltava-se.

Cláudio trapaceara e a mãe adotiva caíra no logro.

Não possuía recursos para demonstrar a verdade. Tocava-lhe tão-somente suportar e esperar.

Dona Márcia, no claro propósito de evitar o problema e, aliás, denotando naquela hora elogiável sinceridade na compaixão pela moça que supunha doente, convidou-a a examinarem, juntas, o primoroso estoque de «boutique» vizinha.

Marita aquiesceu, conformada, e o entendimento malogrado passou, superficialmente, valendo para nós por aviso grave, a fim de que reforçássemos todo o sistema de vigilância, no compromisso assistencial.

Transcorreram cinco dias, sem que apareces-

nem acontecimentos dignos de menção. Contava justamente uma semana de contacto com os novos amigos, quando, ao partilhar as inquietações de Neves, fui procurado por atencioso companheiro a quem solicitara cooperação. Avisava-me de que certa senhora demandara o banco, procurando Cláudio no assunto que nos tomava a atenção.

Ao sol da manhã em giro alto, dirigi-me para o local, encontrando-a em pequena sala de espera, contigua a extenso escritório, no qual operosa equipe de funcionários desdobrava operações de contabilidade interna.

A dama aguardava Nogueira, ausente em serviço.

A recém-chegada trajava-se com primor, exibindo, porém, o ar das mulheres que, depois de perderem as ilusões, acabam fazendo negócio dos prazeres que já não são mais capazes de usufruir.

Detínhamo-nos no exame desprezível da personagem que tangenciava com a nossa história, quando Cláudio se apresentou, lépido e bem-posto. Junto dele, o acompanhante desencarnado, qual se lhe fora a sombra, não mais me admirando vê-los visceralmente associados, pensando e falando em absoluta simbiose.

Conheciam-se os dois, porquanto ele a nomeou, para logo, de madame Crescina, inclinando-se, familiar, para a conversação cochichada, demonstrando-se ambos naturalmente acostumados aos segredos que se transmitem, da boca ao ouvido.

— Alguma novidade? — indagou ele, esfregando as mãos uma na outra, com o sorriso brejeiro de quem prelibava festas.

A visitante, contudo, falou, encabulada, dos motivos que a traziam.

Recebera-lhe Marita, a filha adotiva, horas antes, e, sinceramente — informava —, não conseguira subtrair-se ao obséquio que lhe suplicara com lágrimas.

Diante do interlocutor, atento, prosseguiu co-

munleando que a moça desejava encontrar-se, na noite próxima, com Gilberto, um rapaz que, vez por outra, lhe frequentava o casarão. Escolhera para isso o compartimento separado, nos fundos, o número quatro, por mais reservado e acolhedor. A pobre criança — acentuava, compadecida — formulara-lhe o apelo, em caráter confidencial. Propusera-lhe a concessão, muito abatida, nervosa. Não pudera alhear-se ao pedido. Também tinha duas filhas no mundo, também era mulher. Acedera.

Mas, não era só isso. Marita remunerara-a, com bondade, para encarregar-se de entregar um bilhete ao filho dos Torres.

E, perante os olhos espantados do amigo, que acumulava na curiosidade o anseio do vampirizador, a confidente arrancou da bolsa o documento pequenino, em que a jovem implorava ao namorado fôsse vê-la, às oito da noite, no lugar indicado. Saberla não incomodá-lo, não tivesse receio. Rogava-lhe a presença e solicitava resposta.

Cláudio lia, lia, entre ciumento e indignado. Sim — refletia —, era o cúmulo do sarcasmo. Gilberto a governá-la daquela maneira! O compartimento dos fundos, o número quatro!... Conhecia-o. E esquisita coincidência! Era o recanto que ele também, por vezes, elegia para si próprio, quando buscava a pensão alegre de Crescina, para entreter-se, descansar... Marita, sem saber, compartia-lhe as preferências!... O despeito comprimia-lhe o coração, enquanto o «outro» se demorava a enlaçá-lo, estampando no rosto larga expressão de astúcia.

A empreiteira de regalias noturnas cortou a pausa longa, repetindo que não lhe era lícito esquivar-se; entretanto, acrescentou, ladina, que ele, Cláudio, era cliente de sua casa e, por isso, colocava-o ao corrente dos fatos, não só por dever de lealdade aos fregueses, como também para evitar aborrecimentos, suscetíveis de atrair os olhos da polícia que nunca interferira nas acomodações e negócios que lhe diziam respeito.

Para isso, inteirava-o de tudo e pedia conselhos. Nogueira reprimiu a cólera e vimo-lo interessado em concentrar-se mentalmente, esquadrinhando a cabeça, à cata de ideias.

Ignorando embora que se acostumara a absorver-se nas sugestões de uma inteligência estranha à dele, buscava-lhe, sequioso, os estímulos, supondo naturalmente que batia às portas da imaginação para desencravar os pensamentos.

Obsessor e obsidiado passaram a trocar impressões, de cérebro a cérebro. Alguns momentos de ajuste silencioso e mecânico, que um observador terrestre interpretaria como sendo vertiginosa fabulação, e os dois entraram em acordo implícito.

Alcançámos semelhante conclusão, pela rama, ao vê-los repentinamente asserenados, já que não me sentia capaz de verificar-lhes planos e intentos, forçado que me reconhecia a dividir atenções, entre eles e a recém-vinda, cujos informes e apontamentos não me cabia perder.

Cláudio esboçou um sorriso amarelo. Em seguida, agradeceu a gentileza de que se tornava objeto, passando a extravasar as alegações fantasiosas que começara a elaborar. Disse à amiga, surpresa, que Marita realmente assumiria, talvez em dias breves, compromisso de matrimônio com o rapaz e que, não obstante considerasse a entrevista mencionada pura irreflexão de jovens, concordava em que madame Crescina levasse o bilhete, alcoitando a conferência afetiva.

Lógicamente, acrescentou a mascarar-se de bom-humor, que os meninos teriam entrado em arrufo e aspiravam à reconciliação. Sim, não iria pessoalmente criar qualquer obstáculo. Preferia aconselhar a filha, no dia seguinte.

Entretanto, aduziu após refletir um minuto em consonância com o amigo invisível, gratificá-la por um obséquio, de vez que tendo paternal interesse em que se efetuasse o encontro dos jovens, aos quais se permitia chamar «quase noivos», soli-

citava-lhe fôsse o bilhete entregue sòmente às duas da tarde, horário em que Gilberto estaria no escritório com toda a certeza.

Dona Crescina prometeu satisfazê-lo, recolhendo a gorjeta e anunciando que telefonaria para a moça, depois do ajuste, a sorrirem-se ambos no aperto de mãos.

Restituído a si próprio, Nogueira, sempre enlaçado pelo obsessor, não se deu tempo a maiores reflexões.

Aproximou-se do telefone e vacilou um instante. Pensou consigo que essa era a primeira vez que se dirigiria ao rapaz que detestava.

A hesitação, porém, não passou de segundos. Discou, resoluta, para Gilberto.

Atendido, prontamente, formulou a consulta, untando a voz de cortesia. Se possível, desejava vê-lo e ouvi-lo, solicitar-lhe um favor com vantagens mútuas, mas rogava-lhe a gentileza da discricção. Entendimento pessoal para aquele instante.

O rapaz gaguejou do outro lado, denotando viva emoção, e aquiesceu sem muitas palavras.

Ambos consultaram o relógio. Onze em ponto.

Ele, Cláudio, seguiria de táxi para o almoço, em casa, no Flamengo, e esperá-lo-ia no Lido. Não se preocupasse o interlocutor. Conheciam-se bastante, embora sem contactos pessoais. Além disso, abordá-lo seria fácil para ele. Conheciam-lhe o carro.

Efetivamente, escoados que foram alguns minutos, achávamo-nos os quatro, Cláudio, Gilberto, o assessor espiritual de Nogueira e eu, no lugar indicado.

O jovem, muito pálido, assemelhava-se ao aluno culpado que comparece diante do professor, mas o sorriso largo e calculado com que era recebido colocou-o à vontade, mais apressadamente que supunha.

Caminharam, lado a lado, permutando banalidades sobre o tempo, até que se instalaram num.

recanto de bar, à frente de um guaraná que tocaram, de leve.

Cláudio, aparando as cinzas do cigarro, de momento a momento, esforçava-se, quanto possível, por parecer natural.

Invariavelmente ligado ao vampirizador que o não perdia, começou dizendo ao filho de Nemésio que lhe entendia a situação com clareza; que o sabia, de certo modo, inclinado para Marina, a filha legítima, e que, na condição de genitor, conquanto se visse na obrigação de preservar-lhe a felicidade, não devia bisbilhotar, à margem de assuntos privados deles dois; entretanto, acentuava, dramático, criara Marita, igualmente por filha; amava-a, enternecidamente, e anelava para ela o bem-estar que sonhava para a outra.

Gilberto, inexperiente, escutava embasbacado, comovido.

O antigo bancário, aparentando elevada condescendência, asseverou que, em verdade, somente atribuiria ao destino a coincidência que vinha de observar, porquanto se achava convencido de que ambas as meninas queriam o moço, talvez com análogo afeto.

Verificava, assombrado, a máscara de paternal ternura com que Nogueira recobriria o semblante.

No íntimo, acalentava a repulsão, dura, violenta. Dissimulava, habilmente, os ímpetos de amarrotar o filho de Beatriz que, satisfeito e acalmado, lhe agasalhava as afirmações.

Reprimindo-se, prosseguiu astucioso.

Salientou que, decerto, a menina bisonha, ao albergar-lhe os testemunhos de apreço, escorregara na paixão, que lhe devastava, agora, a juventude em psicose e doença. Preocupava-se, afligia-se. Encontraria recursos para sanar as dificuldades, mas, para isso, constrangia-se a solicitar-lhe concurso, a fim de que Marita sofresse menos.

Contaria com ele e, ao registrar-lhe as primeiras palavras de assentimento, baixou o tom de voz,

anunciando-lhe em caráter confidencial que a filha adotiva lhe escrevera um recado. Sabia disso. Compondo o quadro estudado de interesse paternal, indagou se ele havia recebido. Ante a resposta negativa, explicou que a moça lhe endereçara um papelucho, no qual lhe rogava um encontro para a noite. Sem que lhe suspeitasse do zelo, conseguira ler o petitório, tanto assim que poderia repeti-lo. E recitou de cor o pequeno texto, sílaba a sílaba, dando a impressão de proceder assim para exteriorizar com mais segurança o próprio enternecimento.

Depois de caracterizar o papel, rogava ao rapaz dois favores: responder afirmativamente, por escrito, que estaria no local indicado, atendendo ao horário certo, e abster-se de comparecer no momento preciso.

Fantasiou que a menina andava desorientada, enferma. Temia um choque. Não dispunha de outro remédio senão pedir-lhe aquele tipo de cooperação. Isso porque, naquele mesmo dia, estava providenciando a aquisição dos documentos necessários, para que ela fôsse à Argentina, em companhia de Márcia, numa viagem de refazimento e recreio. Não seria prudente estragar-lhe o ânimo, naquela hora, com uma negação formal. Naturalmente que o interlocutor era dono de si. Agisse como melhor lhe parecesse. Ele, porém, nos sentimentos de pai que o moviam, receava consequências. Nada custaria satisfazer-se àquela particularidade que considerava providencial. Se Gilberto aprovasse a ideia, ele próprio, Cláudio, se incumbiria de buscá-la, no endereço marcado, não só com a notícia positiva da viagem, no bolso, de modo a proporcionar-lhe renovadora alegria, ao mesmo tempo que poderia apresentar a ela as desculpas dele, quanto à ausência. Compreensível que, com a autoridade afetuosa de pai amigo, se responsabilizasse pelas escusas do moço, de vez que usaria o tato imprescindível.

Por fim, consultava-o como justificá-lo, no ins-

tante oportuno, se devia alegar a razão do bolo como sendo negócios, serviços, empeços domésticos ou inesperado afastamento do Rio.

O filho dos Torres ouviu tudo, encantado.

A proposta pareceu-lhe uma peça vazada em profundo bom-senso. Além disso, respirava feliz. Verificava haver encontrado alguém que o levaria, passo a passo, a libertar-se de um compromisso que lhe pesava demasiado na consciência.

Chegado a esse ponto, desinibiu-se. Perdera os derradeiros resquícios da desconfiança com que iniciara a conversação. E, ao desembaraçar-se, afixou a máscara fisionômica que julgou cabível à defesa das próprias conveniências, asseverando que dedicara a Marita uma boa amizade, de irmão para irmão, nada mais. Destacou que, efetivamente, notara nela determinadas alterações que o haviam desgostado, e, já que se sentia inequivocamente atraído para Marina, afastara-se, cauteloso, na expectativa de que tempo e distância funcionassem.

Cláudio escutava, boquiaberto, admirando-lhe a delicada frieza das justificações e indagando a si mesmo qual deles dois seria maior na arte de fingir.

Francamente encorajado, Gilberto declarou que lhe compreendia as apreensões, quanto lhe aceitava conselhos e bons officios. Escreveria, obrigando-se a comparecer, mas não arredaria pé de casa, mesmo porque Marina fora a Teresópolis, pela manhã, a serviço da companhia, e talvez só regresasse no dia seguinte. O senhor Nogueira, qual o chamava, em buscando a menina, às oito, estaria autorizado a comunicar-lhe, da parte dele, o agravamento da saúde materna. Não seria falso, ajuntou, porquanto a genitora extinguiu-se, lentamente.

Cláudio, obtendo o que desejava, refletia no rosto a satisfação que, somada ao voluptuoso prazer do obsessor que o assessorava, parecia interesse afetivo, devotamento. Finalizando, asseverou-se notificado quanto à viagem da filha, e reportou-se, em termos carinhosos, à situação de Dona Beatriz,

que ele e Márcia visitariam. Destacou as acerbidades dos impedimentos em família, durante as moléstias longas, apelou para o otimismo necessário e, ateu confesso, chegou até mesmo a exaltar a confiança que se deve ter em Deus, no decorrer de tais circunstâncias.

Montada a obrigação que os jungia, separaram-se com abraço efusivo, enquanto, de nossa parte, rumámos do Lido para o Flamengo, penosamente intrigados, conjecturando sobre o que estaria por suceder.

